ANO 6.º Sexta-feira, 14 de Março de 1913 NUMERO 263

O DEMOCRATA (A VENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias)	Esc. 1,20
Semestre	« 0,60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte	« 2,50
Avulso	« 0,02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha	4 centavos
Comunicados	2 centavos

Anúncios permanentes, contracto especial.

Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Nova lei

Porque toda éla traduz uma segura e viva demonstração das intenções do govêrno, no firme proposito de conseguir o equilibrio orçamental, a absoluta e indispensavel medida para o país, abaixo publicâmos na integra a *lei-travão*, assim chamada porque vem pôr termo a qualquer tentativa, tendente a aumentar as despezas públicas em cértas e determinadas circunstancias.

Contém éssa lei, sem possivel contestação, uma sã doutrina, definindo o plano traçado pelo govêrno e o firme proposito que êle pretende manter no cumprimento rigoroso das suas promessas e dos seus compromissos.

No equilibrio orçamental assenta incontestavelmente a demonstração, como primeira prova, de que a Republica Portuguêsa enveréda pelo unico caminho que a situação do país e da bôa administração lhe impõem, evidenciando assim perante os olhos de todo o mundo que nos fita, que novo sol nos aquece, novos caminhos seguimos.

Enquanto que no regimen passado os cofres públicos estavam á mercê dos assaltos que a clientela do paço e dos campanarios realisavam, defraudando-os em milhares de contos que caíam intactos na voragem das conveniencias e dos arranjos, em fartas *benésses* e adeantamentos de elevadas quantias, a Republica constitue com esta lei a prova soléne com que quer honrar-se e escrupulosamente administrar os dinheiros do país.

Demonstra désta maneira, o govêrno, a identificação completa dos seus actos com as suas palavras.

Assim, coloca acima de todas as razões que possam a vir ser invocadas aquéla que a todas sobreleva: não se póde nem deve gastar mais de quanto se recebe.

O govêrno da Republica, conhecendo éssa inadiavel necessidade, envida todos os esforços para a satisfazer; e assim no proposito inabalavel e decidido de bem cumprir, submeteu á sanção parlamentar a lei que aludimos e que o parlamento aprovou, traduzindo nêsse voto a opinião de todos os bons republicanos, de todos os bons patriotas.

Leiam-na todos os portuguêses porque não só dignifica uma nação como o govêrno que a promulgou.

Artigo 1.º—Não pódem os membros das duas câmaras, durante o periodo da discussão do orçamento geral do Estado, apresentar quaisquer propostas que envolvam aumento de despêsa ou diminuição de receita, e das que estivérem pendentes só poderão discutir-se e votar-se as que fôrem expressamente aceites pelo ministro das finanças.

Artigo 2.º—E' dispensado o govêrno de dar execução imediata ás leis votadas posteriormente á votação do orçamento que envolvam despêsa ou diminuição de receita, quando não tenham sido creadas receitas compensadoras, de fórma a mánter-se o nivelamento universal, fixado pelo Congresso anualmente.

Artigo 3.º—Quando o govêrno entender necessário dar execução a uma ou mais leis das referidas no artigo anterior, com preferencia de outras sob o mesmo regimen, só as poderá executar com voto favoravel da comissão de contas públicas.

Artigo 4.º—Todas as leis de despêsa e diminuição de receita, votadas numa sessão legislativa, que, por efeito déssa lei, não tiverem tido começo de execução no mesmo ano economico ou no imediato, só a poderão ter, em qualquer outro ano depois de novamente ser autorisada a sua execução por outro voto do Congresso, ficando porém éssa execução dependente do mesmo principio de creação das receitas compensadoras.

Artigo 5.º—Quando o orçamento apresentar *deficit*, não poderão os ministros ou deputados propôr a revogação dos preceitos consignados nos artigos anteriores, e se éla tiver sido votada, considerar-se-á suspensa até que entre em vigôr um orçamento sem *deficit*.

Artigo 6.º—O govêrno dará, em cada ano, conta ao Congresso dos motivos da não execução das leis votadas nas condições do artigo anterior.

Artigo 7.º—Durante a discussão do orçamento poderão aumentar-se as receitas e diminuir-se as despêsas, mesmo com a suspensão de cargos ou a redução de quaisquer vencimentos, ouvidas as comissões de finanças e do orçamento, mediante a aprovação de simples propostas pelo congresso, devendo as respectivas comissões de redacção inserir na lei do orçamento geral do Estado as disposições de execução permanente dimanadas déssas resoluções.

§ unico. A disposição do artigo 12.º da lei de 20 de março de 1907 fica interpretada no sentido de se aplicar unicamente ás alterações de que possa resultar aumento de qualquer vencimento, alargamento de quadro ou aumento de despêsa.

Artigo 8.º—Fica revogada a legislação em contrário.

Relances

Vénias?

O ultimo relance do ultimo numero, com o titulo *O demagôgo*, abriu dêste modo:

O Dia fêz ânos num dêstes dias e numa das suas tristes vénias, etc.

Ora com a devida vénia: eu não escrevi vénias; o que eu escrevi foi nénias e nénias teria saído se o amigo revisôr não quizésse justa e delicadamente dar-me a intender que a minha letra nem sempre o diabo a percebe...

Crime hórrivel

A oposição—a prometida oposição séria e leal—tem feito uma balburdia infréne em volta duma cama e mais partes de que o ministério do Interior se forneceu e fez instalar num gabinête... abandonado.

E conjecturou milhentas coisas, todas caricatas e todas tendentes a mostrar ás turbas que algum *hórrivel* crime se praticara!

Mas uma vez mais a oposição—a leal—foi duma extrema pobrêsa de perspicácia e duma grande infelicidade.

Efectivamente:

Transformar um gabinête inútil num quarto onde possa descançar um dos secretarios do ministro que d'ora avante terá de permanecer de noite no ministério para olhar por qualquer serviço urgente, só parecerá um crime *hórrivel* a quem não queira ter a noção das medidas uteis e... necessárias.

Registe-se bem

O grosso dos inimigos das instituições saíu duns individuos que usam pulseiras e saíu dos padres.

Aquêles, fracos de corpo e fracos de espirito, quasi circunscreveram a sua acção á banal distribuição de simbolos idiotas—bandeirinhas e bentinhos—e á rapinagem duns dinheiritos que no futuro lhes garantisse uma apresentação capaz de os tornar felizes concorrentes do correligionario (dêles) ex-bispo de Beja.

Estes, avezados á hóstia e á confissão, representantes onde quer que se encontrem do pápa de Roma e do Deus do céu, entretecendo toda a sua doutrina em volta do—*Não matarás*—desmancharam-se mais, desmascararam-se todos. Calcaram a hóstia, chamaram burla á confissão e apregoaram o *matarás* não já inimigos ferozes e em defêsa propria mas os inocentes, os simples inocentes!

Apregoaram a matança, sequiosos de sangue, e dispuzéram-se a efectivá-la com todos os requintes de malvadez. Em vez da hóstia, a dinamite; em logar da cruz, o punhal; a substituir a sobrepeliz, a jaquetа do assassino.

E assim se fôram alguns, pela calada duma trágica noite recente, a dinamitar pontes, a cortar linhas ferreas por onde iriam passar combeios cheios de... inocentes criaturas!

Não se dispuzéram a um simples delito politico, estes padres, estes ministros da religião cristã, toda amôr, toda carinho; puzéram-se de parceria com os mais tôrpes réus de hediondos crimes comuns!

Mas a justiça já não dorme; e sete dêsses padres—tantos como os pecados mortais—todos dum *complot* do distrito de Aveiro, lá acabam de ouvir no tribunal de Coimbra qual a condigna remuneração da sua *evangelica* façanha.

E agora, enquanto lá pelas cadeias e pelo degredo vão medindo, se raciocinam, a grandeza dos crimes que só não perpetraram por circunstancias muito alheias á sua vontade sanguinária, o povo, em liberdade, cá vai, em face de tais exemplos, abrindo os olhos cada vez mais e capacitando-se por fim de que os bons padres, os bons pastôres, são bem raros e tanto mais quanto mais se intrometerem na vida terrena.

Prova clara

O ilustrado e velho republicano dr. Alfredo de Magalhães, membro do velho Partido Republicano Português onde tem logar de destaque e de categoria, foi ha dias exonerado do governador geral de Moçambique em cujo alto cargo de confiança fôra investido em dezembro ultimo.

Quizéram espécular com o caso umas *candidas* criaturas a quem o faciosismo raro deixa vêr claro, mas as quais, por fim, teem de reconhecer que erraram em seus torcidos conceitos.

Se um funcionário da confiança de qualquer govêrno—e de meã categoria—produzisse em público uma conferencia com as responsabilidades das afirmações postas em relêvo na conferencia do sr. dr. Alfredo de Magalhães, o que cumpria a esse govêrno sem mais delongas? Exonerá-lo.

O que fez no caso sujeito, o govêrno democrático a quem felizmente está entregue os destinos da nação, tratando-se não só dum alto funcionario da sua confiança mas ainda duma prestigiosa figura do seu partido? Exonerou-o.

Isto é, o govêrno democrático que preside aos destinos da Republica deu com o seu gésto, ainda que por ventura a sangrar-se, uma prova bem clara e bem frizante de que é o govêrno que a opinião pública reclamava e admira. Provou exuberantemente, por uma fórma iniludivel, que é um govêrno... democrático.

Clemente Morêno

Aniversário de "O Democrata„

Continuâmos registando as palavras com que vários colégas nos teem distinguido a proposito do aniversário deste jornal e que de cérto modo nos animam por que mostram que ainda nem tudo está corrompido e ha quem da imprensa faça uma ideia muito diversa daquéla que determinou a sua aplicação.

De *A Beira Alta*, de Armamar:

«O Democrata»

«Passou no dia 22 ultimo o sexto aniversário do intemerato semanário *O Democrata*, que se publica em Aveiro, proficientemente dirigido pelo altivo jornalista, sr. Arnaldo Ribeiro.

Por uma campanha de moralidade que este nosso brilhante colêga tem sustentado com impavidez e justiça, foi ha poucos dias querelado e condenádo apenas pecuniáriamente, porque moralmente não o foi, sem dúvida nenhuma.

O sr. Juiz, em vista da resposta dada pelo juri aos quesitos que lhe fôram apresentados e invocando o § 4.º do artigo 18 da lei de imprensa em vigôr, apenas impôz ao *Democrata* o pagamento das custas e sêlos do processo, sem multa nem indemnisação, como o autôr havia requerido.

Ao brilhante coléga desejâmos larga e próspera vida».

De *O Famelicense*, de Vila Nova de Famalicão:

«O Democrata»

«Entrou no 6.º ano da sua publicação este nosso presado coléga de Aveiro, que tão brilhantemente tem pugnado pela causa republicana radical do seu concelho.

Abraçâmos cordealmente o estimado coléga e desejâmos-lhe a continuação de largos anos de vida.

O director deste nosso ilustre coléga, respondeu no dia 22 de fevereiro ultimo, no tribunal da comarca de Aveiro, em audiencia de juri, por ter acusado Firmino Maia, editor do *Campeão das Provincias*, jornal daquéla localidade.

Não obstante ter-se provado no decorrer do julgamento, que as acusações feitas por aquele nosso coléga, eram verdadeiras, o juiz, em vista da resposta dada pelo juri aos quesitos que lhe fôram apresentados, e invocando o § 4.º do artigo 18 da lei de imprensa, impôz ao presado coléga o pagamento das custas e sêlos do processo, sem multa nem indemnisação, como o auctor havia requerido.

Não podemos concordar com semelhante *veridictum*, visto terem sido provadas as injurias que fôram o objecto do processo.

No entretanto enviâmos ao nosso presado coléga as nossas cordeais felicitações».

De *A Patria*, de Ovar, depois de se ter referido ao aniversario dum outro coléga:

«O Democrata»

Tambem este nosso coléga aveirense acaba de completar 5 anos de existencia—uma existencia de lutas e de perseguições. Fazendo votos pelas suas prosperidades, o felicitâmos cordealmente, renovando a manifestação da nossa simpatía pela campanha de moralidade que tem sustentado e em virtude da qual—com honra para si—foi condenádo no tribunal de Aveiro.

De *O Desforço*, de Fafe:

"O Democrata„

«Só devido á grande fáina e muitas preocupações que temos tido ultimamente, é que nos podia escapar o noticiar que o nosso ilustre coléga *O Democrata*, de Aveiro, fez anos.

E' possivel que outras faltas eguais tenhâmos cometido, mas se temos, que nos desculpem os outros confrades amigos.

O Democrata, que tem por director o grande republicano sr. Arnaldo Ribeiro e que é um incansavel defensor dos principios republicanos, entrou no 6.º ano de uma existencia digna e honrada.

Felicitâmol-o cordealmente por isso.»

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

A QUESTÃO PEREIRA DA CRUZ

Até onde chega a audácia dum criminoso de ha 20 anos

O PRINCIPIO DO FIM

Chegou-nos ás mãos o duplicado com a réplica de Manuel Pereira da Cruz ao que houvémos dito no processo de queréla que este *puritano* nos móve por o acusarmos da desleal concorrencia que vinha fazendo aos *vigairistas*, sem outro contratempo do que este que atualmente o embaraça.

Subscreve esse precioso documento com a sua reconhecida coragem e amôr pela verdade, o sr. dr. Marques Loureiro, que nem procura descobrir a causa porque, havendo em casa tão bôa prata, pedem emprestada a dos outros...

O sr. Marques Loureiro, como nós, como toda a gente não poderá achar a razão porque, sendo o sr. dr. José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães, bacharel e advogado, sobrinho de Pereira da Cruz, *convencidissimo* da sua inocencia e implicitamente da calúnia que lhe é assacada, se contenta apenas com os fiascos seguidos da escolha de defensor sem que ele, em pessoa, pondo termo a tão deprimente situação, não venha ocupar o seu logar?

Por maiores esforços que temos feito não podemos atinar com a causa ou causas que obriguem o sr. Barbosa de Magalhães a retrair-se tão desairosamente sob o ponto de vista de evidenciar-se na defêsa dos seus.

Recorreu sucessivamente a diversos cavalheiros que supôz prontos a vir tomar a defêsa do que, na verdade, brigava com a coerencia politica desses cidadãos.

De nome em nome chegou até ao sr. dr. Marques Loureiro, que, amigo e velho correligionario dos tempos idos do sr. José Luciano do progressismo, se deitou por aí fóra no memoravel dia 22 de fevereiro em que no tribunal se fez a mais completa exautoração dum homem por tantos titulos repugnante e antipático.

E no entanto, na sua companhia veiu o sr. Barbosa de Magalhães, que se contentou em meter-se em casa, recebendo, de meia em meia hora, *boletins sanitários*, que lhe expediam da audiencia a informal-o do gráu de infecção que de momento a momento, assustadora e mortalmente se estendia pelo corpo gangrenado do *doente*!...

Podia ou não podia o sr. Barbosa de Magalhães tomar o encargo de tentar salvar o pestoso?

Que alevantado exemplo de amôr de familia é esse em que falou o sr. Marques Loureiro? Porque não tomou o sr. Barbosa de Magalhães conta da defêsa do *Camaleão* e agora da de seu tio, o *escroc* Pereira da Cruz?

Animado pelos laços de familia, seguro da inocencia dos acusados, cheio de fé na verdade da sua causa, conhecendo toda a *vida imaculada* dos seus clientes, com que calor, com que brilhantismo não faria resplandecer a verdade em toda a sua grandêsa, em toda a sua nudez!

Mas, nada. O sr. Barbosa de Magalhães amua, permita-se-nos a frase, esconde-se e muito embora se não esquive a procurar por todos os meios auxiliar o seu tio Manuel Pereira da Cruz, como o fizéra com outro seu parente, monoculo em riste, exibindo a sua insinuante e profundamente simpática figura, na brécha, ali, pelo seus, tão *infamemente* acusados, isso é que não, isso é que nunca!

Diz-nos alguem, contudo, que tal recusa nasce dum cérto escrupulo de consciencia, aliás muito para louvar.

O sr. Barbosa de Magalhães não era capaz, acrescenta o observador, de subscrever como advogado de Pereira da Cruz o que este aléga na sua réplica quando diz—**pelo seu caracter, pelas suas tradições de familia, pelo seu passado, o Autor era absolutamente incapaz de praticar os actos criminosos que o réu lhe imputou.**

Não se horrorise o leitor.

E' textual a reprodução que fazemos, não deixando até de escrever o *A* maiusculo que inicia a palavra autor, com que Pereira da Cruz é distinguido pelo dr. Marques Loureiro — que talvez para isso tenha recebido alguma nova carta do querido condiscipulo...

O condiscipulo, porém, é que nem á mão de Deus Padre se resolve, se afoita a vir fazer, ou em articulados ou no tribunal, perante o auditório, afirmativas deste genero, que não sabemos porque mais nos enojam—se pelo ci-

nismo que élas traduzem, se pela vil audácia que élas significam!

E' o tenente medico miliciano Manuel Pereira da Cruz, que tem o arrojo, ele, pela bôca do advogado, que equivale a ser dito pela sua, de nos vir afirmar a honestidade do seu caracter, as suas tradições e daí a absoluta incapacidade para a prática dos actos criminosos que a sociedade lhe imputa!

E dizemos assim, porque na campanha aqui sustentada sobre o escandalo das suas *escroqueries*, não fizémos mais do que repetir o que ha anos, ha muitos anos mesmo, como havemos de provar, se afirmava de Pereira da Cruz —que ele, com o maior cinismo e desfaçatez, fazia contratos e recebia dinheiro e presentes pelo livramento de mancebos do serviço militar, apezar do *seu caracter, das suas tradições e da sua honestidade!*

Que repugnante ironia!

Que revoltante cinismo!

E tão descaradamente a prática déssas burlas se foi multiplicando que o caso aqui, lá fóra era corrente.

A ele se aludia como ao facto mais honésto e mais legal.

Muito longe de Aveiro ecoou estrondosamente o infamissimo procésso empregado, sem rodeios, por Pereira da Cruz, e assim vêmos o *Mélro*, o *Cancélas* e o *Sarrilhas*, áparte outros, agentes do mesmo negocio.

Mas fôram julgados e condenádos. Entretanto Pereira da Cruz porque é *medico municipal do concelho, delegado de saude no distrito, homem politico, politico republicano e republicano democratico*, segundo o *Camaleão*, julga-se invulneravel. E' honrado. Não praticou os actos que aqui temos apontado nem outros semelhantes. A junta medica de Ilhavo colaborou comnôsco na maior das infamias porque quiz perder um homem digno, com uma vida cheia de desinteresse e de serviços á sua terra, porventura ao seu país...

Houve quem confessásse o ter com ele contratado, por dinheiro, a sua isenção da vida militar? Houve. Mas os que isso fizéram *fôram ardilosamente enganados!*

Impagavel, o sr. Pereira da Cruz!

Se tal aconteceu, porque é então que os tres homens da Gafanha não são dados como testemunhas para virem com as suas declarações fulminantes, com a grande e inconfundivel energia que provém da verdade, afirmarem ao juiz, ao juri, ao tribunal que fôram infamemente enganados?

Que as declarações por eles assinadas pelo seu punho e outras a *rogo*, por não saberem escrever, não correspondem a quanto por os proprios foi dito!

Venham esses mancebos e eles dirão, se tivérem coragem para tanto, se as suas declarações *fôram criminosamente deturpadas e aproveitadas, dando-se-lhes um sentido diverso daquele com que fôram ditas.*

O que admira é que o *honrado* sr. Pereira da Cruz não tenha igualmente chamado á responsabilidade de tamanho crime os seus autores.

Fômos também nós, sr. Marques Loureiro, que fômos a Ilhavo, junto dos membros da inspecção incital-os á prática de todos esses actos criminosos?

Tambem esse procedimento dos ilustres medicos militares foi obra da nossa *inveja e maldade?*

Porque não torna extensiva o sr. Pereira da Cruz a responsabilidade que nos é pedida, só porque nos fizémos éco dumas infamias que fôram do conhecimento público, aos medicos militares que —*criminosamente* deturpáram declarações feitas, chegando a *falsifical-as?!!*

Só nós é que sômos os unicos criminosos?

Nós fômos os que trouxémos a referencia desse vergonhoso caso para a imprensa, em vista das provas de que tivémos conhecimento.

Mas se por isso nos pedem a cabeça, ao mesmo tempo que confessam que o corpo de delito está por outros falsificado, outros que se apontem e especialisem.

Porque se não procéde assim? Nós o sabemos. Porque todos os réles intrujões que na cobertura da infamia se empenham, tentam fugir dos obstaculos de maior resistencia e nésta cartada final quanto menos atritos melhor, na falsa esperança dum triunfo que sentem fugir, apesar dos esforços em que de longe se vêm empenhando, para convencer o público, que os conhéce como as palmas da mão, de que possuem sentimentos e dignidade.

Inutil taréfa!

Baldado empenho!

A verdade hade triunfar e na hora do seu triunfo, sobre o criminoso cairá todo o peso das suas culpas, obra exclusiva do seu proceder e nada mais!

Um rapto

A importante e laboriosa população de Ilhavo foi na segunda-feira alarmada com a sensacional noticia do rapto duma das mais galantes tricaninhas da vila que, tendo saído a passeio em companhia duma irmã, estrada de Aveiro fóra, a bréve trecho era agarrada e metida num automovel pelo namorado, não tornando mais a ser vista e pondo em verdadeiro alvoroço a casa paterna.

Chamava-se a dulcinêa Maria Amelia Fernandes Bagão, menina dos seus 18 anos, cuja familia é conhecidissima em todo o visinho concelho. O pae exérce as funções de piloto mór da barra e era estremoso por aquéla filha que não desejáva vêr casada, dizem-nos, com o protogonista da cêna de agora. Entretanto terá que se conformar visto a solução para estes casos não poder ser outra senão o casamento.

As Festas da Cidade

A convite do sr. presidente da câmara, dr. Luiz de Brito Guimarães, efectuou-se a semana passada uma nova reunião para que fôram convidados representantes de todas as classes sociais afim de se proseguir nos trabalhos iniciados pelo pratiótico *Club dos Galitos* relativos ás festas da cidade a realisar num dos mezes proximos.

Fôram presentes e discutidos vários alvitres depois do que se acordou na nomeação duma comissão composta do sr. presidente da càmara, representantes de todos os clubs, associações locais e imprensa para continuar os trabalhos dos projectadas festas com que Aveiro tanto tem a lucrar.

Escolas normais

O seu anunciádo encerramento

Com a maioria de votos acába de ser aprovado um projecto de lei que, reduzindo a tres o numero das escolas normais, com séde em Lisboa, Porto e Coimbra, implica o encerramento das restantes 20 que atualmente existem em todo o país.

Não só Aveiro como todo o distrito é profundamente ferido com ésta resolução se éla se tornar um facto consumado.

A Escola Normal de Aveiro que tem desde o seu inicio uma média de 120 alunos, todos, sem excépção, filhos do distrito, cértamente procurarião outro destino em harmonia com os seus haveres e rendimentos, desistindo da carreira do professorado que, se ainda com sacrificio muitos deles abraçavam é porque viam a compensação na proximidade da escola na séde do distrito.

Esta razão que aqui poderosamente influe reflête-se em todos os outros distritos do país, pois cértamente quem tiver mais meios para do Algarve ir estudar para Lisbôa, não será por cérto para habilitar se com o curso de professor de instrução primária.

Não nos preocupa apenas a enormissima falta que a tantas familias fará a supressão da escola do nosso distrito, sob o ponto de vista da modificação da vida de muitas creaturas que dentro déssa orientação teriam já assente o objectivo do seu futuro.

Não é tambem pelo lado economico que para a cidade possa representar a estada e distribuição de 120 pessoas que em várias casas se hospedam, para estudarem. E' ainda, porque tal facto trará uma gravissima perturbação geral ao ensino público e se, infelizmente para todos, não fôrem as cousas postas nos seus devidos termos, cêdo, muito cêdo, o ensino primário oficial passará de novo, como em tempos idos, a ser um mito, uma verdadeira ficção em todo o país. O projecto de hoje, coloca. sob um determinado ponto de vista, a instrução no mesmo pé, senão peior, que a lei do de maio de 1878.

Esta estabeleceu quatro escolas normais no país, e, estipulava para cada aluno, o fornecimento dos livros necessários e ainda o pagamento duma mensalidade de 7$000 reis. Néssa data o numero de escolas de ensino primário era diminutissimo.

Contudo, abrindo-se concurso para professores, foi necessário a eles se admitirem individuos sem o curso de habilitação, porque os que néstas condições requereram, não chegaram a um terço dos professores precisos.

Hoje, sucéde quasi o mesmo. Isto é: com 23 escolas normais habilitando mais de 200 alunos por ano, não ha professores para as exigencias e numero de escolas para ensino primário.

Como se conseguiria, pois, em tres escolas sómente os professores precisos?

Em 1916, e depois, atingirá a crise uma agudêsa excécional visto que, naquele ano, completam os professores de 1.ª classe os 5 anos de serviço com a melhoria de vencimentos que o regimen lhe concedeu. O maior numero aproveitar-se-á déssa circunstancia e irá procurar na aposentação o descanço e repouso a que incontestavelmente tem direito. E ai teremos de novo uma situação que trará gráves embaraços para o ensino público, com todas as consequencias inerentes.

Mas não é só por este lado que o projecto de lei a que aludimos está fatalmente condenádo; é ainda que quanto se pretenda afirmar a sua eficacia sob o ponto de vista economico ele da mesma fórma cái ao primeiro embate da mais leve observação sob esse aspecto.

Procurando uma base—que fica ainda muito áquem do numero preciso—vamos indicar e provar a absoluta impossibilidade de, como resultado prático e aproveitavel, áparte a falsa economia que se pretende justificar, as 3 escolas não pódem satisfazer a sua missão.

Professores precisos em cada ano (ensino oficial e particular)	400
Alunos que apesar de diplomados, seguem outra carreira	50
Professores que tem de produzir as 3 escolas	550
Cada escola deverá habilitar por ano, professores	156

Frequencia:

4.° ano	170
3.° «	180
2.° «	190
1.° «	210
Alunos para cada escola	750
Média de alunos em cada ano	187

Admitindo que, na conformidade da lei e pelo que de resultado produz, como rendimento para os professores das escolas estabeleçam um—maximo—de turmas de 60 alunos, vemos que os 187 não cabem em 3 turmas.

E assim, havendo os desdobramentos ou a quantidade de professores correspondentes ao numero de alunos, será como fiquem existindo tres escolas em cada uma das cidades, onde o atual projecto demolidor e desorganisador as deixa ficar: Lisboa, Porto e Coimbra.

Mas cabe ainda, como reforço ao que já sôbre o caso dissémos: conseguirá o govêrno reunir em cada uma das escolas 750 alunos?

Faltam-nos elementos para responder com segurança a este ponto.

Mas se procuraram como base o numero total dos matriculados em todas as escolas do país, erraram profundamente porque quantos tencionariam seguir éssa carreira, no distrito de Aveiro, abandonal-a-ão por o não poderem fazer no Porto, em Coimbra ou em Lisboa.

O mesmo se repetirá por todos os outros distritos, tornando-se necessário que na defêsa dos interesses mais importantes désta terra e deste povo, se entre sem demora com toda a energia, fazendo chegar, onde deve ser ouvida, a voz da justiça, do direito e da verdade.

Ninguem néssa atitude veja velhos habitos doutróra tendentes a enervar medidas superiores e muitas vezes práticas e bôas.

Esta nada disso tem porque á luz fria da razão é, nada mais nada menos, do que uma loucura, prejudicial e má.

Porque será que o sr. dr. Barbosa de Magalhães não quiz intervir como advogado no procésso que contra nós moveu o editor do Camaleão nem tão pouco naquéle de que é autor o tenente miliciano Pereira da Cruz, apezar de ser o mais acerrimo defensor dos dois, não nos dirão?

Terá o sr. Barbosa de Magalhães vergonha de se misturar com os parentes?

Centro Republicano Português de Santos (Brazil)

Com data de 15 de Janeiro, recebemos a comunicação seguinte:

Cidadão:

No desempenho das atribuições do meu cargo, cabe-me a honrosa missão de comunicar-vos que, em reunião de Assembléa Geral, efectuada a 12 do mez fluente, fôram empossados para o exercicio administrativo dêste Centro, no corrente ano, os seguintes corpos dirigentes:

Assemblea Geral

Presidente, *Abel de Castro.*

Directoria

Presidente, *Rebelo Gonçalves;* vice-presidente, *Vitor Soalheiro;* 1.° secretario, *Benjamim M. Cabral;* 2.° secretario, *Manuel Cabral Guedes;* 1.° tezoureiro, *José Luis Antunes;* 2.° tezoureiro, *João da Silva Vieira;* vogais, *Antonio Pinto Candido, João Marques Azevedo, Domingos Mendes Guimarães.*

Conselho consultivo

Rodrigo da Costa Santos, Alexandre Souza Machado, Alexandre Taveira, Joaquim Ferreira da Costa, Antonio Augusto Marialva.

Comissão de contas

João Monteiro de Oliveira, José Pinto de Oliveira, José Soares Antunes.

Comissão de sindicancia

Antonio Colaço, Abilio F. de Carvalho, Manuel Alves Nogueira.

Com os protéstos de estima e consideração, envio-vos afectuosas e cordeais

SAUDAÇÕES

Ao cidadão director do Democrata—Aveiro.

Benjamim M. Cabral

1.° Secretario.

O CULTO DA ARVORE

Alta significação da festa escolar de domingo

NOTAS DE REPORTAGEM

Realisou-se no domingo passado a anunciáda festa da arvore.

Delicioso dia de sol, céo sem uma nuvem, nem uma aragem sequer, um aviso seguro da proximidade da primavéra, que nos sorri deliciosa e tentadôra nas suas inebriantes manhãs de abril —que estão a dois passos...

A formosura do dia, ao seu alvorecer, acordou em centenas de cérebros infantis devaneios felizes que a festa lhe proporcionou dali a horas, no convivio alegre dos seus condiscipulos, na exibição das suas minusculas *toilletes*, no entusiasmo dos seus hinos, cantados em córos formidaveis e acórdes comovedores, aquecendo a fantasia em todos aqueles corações transbordando entusiasmo e prazer, alegrias e expansões, quando reunidos e agitados pela inquietação, que é a mais viva nota da sua tenra edade, lhes fôsse distribuido o *lunch*, servido pelos queridos professores ao som da musica, entre os sorrisos bondosos e satisfeitos da assistencia!

Poderia ter a festa maior expansão, programa mais definido, numeros mais acentuados?

Sem duvida; mas éssa deficiencia proveiu do desinteresse censuravel a que, em geral, foi votada ésta festa, tão simpatica quanto significativa, de proveitoso exemplo civico não só para as creanças, como para todos quantos, diariamente, ai evidenciam a pequenez criminosa dos seus sentimentos manifestada no desrespeito pela arvore, e desconhecimento pelo seu valor, pelo seu merecimento.

Timbrámos sempre, como um carecteristico definido da nossa orientação, chamar ás cousas pelos seus nomes, apontando a verdade e espancando o erro.

Houve quem, censuravelmente, não correspondesse ao dever que a naturalidade das cousas indicava. E esses não são, por cérto, os que não tem obrigações morais, e deveres representativos dos seus cargos. Por isso, com os nossos mais vivos aplausos, teremos de confessar que a festa da arvore resultou do exclusivo esfôrço dos professores, que, triste é dizel-o, absolutamente desacompanhados se encontraram em toda a sua taréfa, que não foi pequena, excépção feita dos que não recusaram o seu auxilio monetario quando a isso solicitados pelas comissões das escolas que percorreram a cidade no cumprimento do seu louvavel empenho, assim como a digna comissão do teatro que generosamente ofereceu uma sessão de cinematografo ás creanças, o que para élas foi um dos mais deliciosos e alegres divertimentos.

* * *

De manhã, percorreu as ruas da cidade a fanfarra do Asilo, aparecendo enbandeirádas as escolas centrais e outras, havendo pelas 10 horas uma parada ginastica na Praça da Republica, que no seu decurso mostrou não terem as creanças sido descuradas em exercicios fisicos.

Seguiu-se pouco depois o almoço ás meninas que em numero de duzentas e servidas pelas suas dedicadas professoras receberam individualmente pão com carne assada, aletria em dôce, tangerinas, biscoitos e vinho.

Esta refeição decorreu entre uma alegria completa, sorrisos de contentamento e animada conversação que as senhoras professoras cuidadosa e benevolamente não deixavam passar além do toleravel, executando a fanfarra do asilo com toda a proficiencia algumas peças de muica. Não podemos fugir á agradavel impressão e á admiração com que ouvimos esse pequeno nucleo de rapazinhos que não dão a maís leve ideia do que fôram em tempos idos, quando horrorisavam a assistencia não só pela permanente execução das mesmas musicas, mas ainda pela deficiencia com que as diziam.

O progresso dos rapazes é consequencia apenas da bôa vontade do seu regente, o sr. Lé, que desde longa data vem prestando á musica asilar bastantes serviços.

Reunidas as creanças de todas as escolas das duas freguezias da cidade, conduzindo os seus estandartes e bandeiras nacionais em grande numero, organisou-se o cortejo ao qual se juntaram alunas e alunos da Escola Normal, e, acompanhadas por todos os professores e professoras, desfilaram pela frente de alguns edificios públicos e associações locais, parando e cantando o hino nacional, e outros. Fôram plantadas quatro arvores na Praça Marquêz de Pombal entoando as creanças o respectivo hino depois do que recolheram ás escolas onde lhes foi servida uma soculenta merenda.

* * *

Cêrca das cinco horas de novo se fez em marcha toda aquela multidão de creanças que se dirigiu ao teatro. Ali fôram recebidos por alguns membros da ilustre direcção, ficando o teatro literalmente á cunha. Pelas galerias, frisas, camarotes, verdadeiros cachos de cabecinhas, que se agitavam numa alegria doida, numa inquietação febril.

As palmas eram constantes, os vivas erguidos numa persistencia tenaz, eram correspondidos com entusiasmo.

O quinteto, na sua primeira execução, foi abafado pelas palmas, pelo chilrear daquele encantador e numeroso bando, que ria, antegosando a sensação do espetaculo, que para muitos era uma completa e absoluta novidade.

As fitas fôram escolhidas com gosto e correspondendo á categoria dos assistentes, que, presos pela projecção da primeira fita, se mantiveram silenciosos em quanto éla correu, atingindo o delirio de entusiasmo quando a iluminação se fez e a campainha indicou o fim da exibição.

E assim, até ao fim do espetaculo, que foi, sem dúvida, encantador para as creancinhas, élas manifestaram-se em continuas demonstrações de surprêsa e de alegria.

Muito tarde se apagará do espirito dos mil pequenos espetadores, tal seria o numero das creanças presentes, aquéla hora feliz e despreocupada, decorrida entre os mais agradaveis sorrisos e palpitante alegria.

Ao digno professorado os nossos mais vivos e entusiasticos aplausos por todo o seu fatigante trabalho e, mais ainda, pela decidida bôa vontade e manifesto empenho na realisação da festa, á qual censuravelmente, repetimos, voltaram as costas aqueles que nunca o deveriam ter feito.

Serviço de administração

Mandámos á cobrança pelo correio, uns, e por intermédio de obsequiosos amigos nossos, outros, os recibos de "O Democrata,, vencidos ou prestes a vencerem-se, do que dâmos conta aos nossos presados assinantes rogando-lhes a finêsa do seu bom acolhimento afim de nos evitárem novas despêsas e podermos trazer em dia a escrituração do jornal.

* * *

No **Congo Bélga, Pará** e **Manáus** estão respectivamente encarregados de receber as assinaturas que lá possuimos, os srs. **Henrique Madail, J. J. Nunes da Silva e João Simões Amaro Junior,** devendo os assinantes das outras partes do ultramar, onde ainda não temos pessoa idonea que nos represente, mandar as importancias directamente a esta redacção, o que desde já muito agradecêmos.

Equivoco

O nosso presado coléga celoricense, *O Povo de Basto*, encimada com o nome do nosso director, insére no ultimo n.° a seguinte local:

Lemos, com surprêsa, ter sido condenado o vigoroso e intransigente jornalista aveirense Arnaldo Ribeiro que no *Democrata* fez a maior e mais documentada exautoração do médico Manuel da Cruz, arguido de isentar mancebos do serviço militar a troco de dinheiro.

Sem embargos da estranha sen

EDIFICANTE

O medico miliciano Pereira da Cruz recruta dentre individuos que supõe nossos inimigos, as testemunhas abonatórias da sua honestidade

Gente do povo, letrádos e... policias

Porque a achâmos por muitas razões digna de ser desde já conhecida do público, dâmos a seguir a lista das testemunhas que, por parte do *escroc* Manuel Pereira da Cruz, aparecerão no tribunal a defendel-o no dia do nosso julgamento e com as quais o medico burlista pretende reabilitar-se, esmagando a verdade.

E' assim composta:

David Ferreira da Rocha, tenente-coronel de infanteria reformado, casado, Eixo.
Carlos Milano de Faria, capitão de cavalaria, casado, de Aveiro.
Dr. Joaquim Manuel Ruela, casado, advogado, de Aveiro.
Dr. Jaime de Magalhães Lima, casado, agente do Banco de Portugal, de Eixo.
Gaspar Inácio Ferreira, casado, oficial de infanteria, Aveiro.
Dr. Antonio Fernandes Duarte Silva, solteiro, advogado, de Aveiro.
Agnelo Augusto Regala, solteiro, filho de Luís Augusto da Fonseca Regala, de Aveiro.
Antonio de Sá Gnimarães, alferes de cavalaria, solteiro, residente em Aveiro.
Laurélio Augusto Regala, casado, empregado na Caixa Economica de Aveiro.
José Maria Barbosa, viuvo, empregado na Agencia do Banco de Portugal de Aveiro.
João Campos da Silva Salgueiro, casado, negociante, de Aveiro.
Francisco Antonio de Meiréles, casado, negociante, Aveiro.
Eduardo Rocha, casado, capitalista, Ilhavo.
Antonio da Conceição Junior, casado, cabo n.º 2 da policia civica de Aveiro.
Alfredo Fernandes da Cruz, casado, guarda n.º 27 da policia civica de Aveiro.
Antonio Maria Simões Vieira, casado, guarda n.º 32 da policia civica de Aveiro.
Domingos João dos Reis Junior, casado, farmaceutico, de Aveiro.
Rui da Cunha e Costa, *casádo, solicitador e jornalista, de Aveiro.*
José Maria Nunes Branco, casado, proprietario, de Aveiro.
Ricardo Mendes da Costa, casado, industrial, de Aveiro.
Roque Ferreira, casado, negociante, de Aveiro.
Evaristo Rodrigues, casado, proprietario, Esgueira.
Julio Maria Rodrigues, casado, ferreiro, Esgueira.
José Maria da Costa, casado, guarda n.º 11 da policia civica de Aveiro.
José Joaquim da Cruz, casado, lavrador, do Bomsucésso.
Antonio da Naia Sardo, viuvo, marnoto, de Verdemilho.

vaça, compenetrados da justiça e da razão que inspiravam o diretor do *Democrata*, saudámol-o pela condenação que tem para nós o significado de um *veredictum* absolutório.

Ha um pequeno equivoco, colega. O julgamento que se realisou não foi aquéle em que intervem como autor o tenente medico miliciano Pereira da Cruz, conhecido *escroc* de Aveiro, mas sim o do parente *Camaleão* que no tribunal sofreu a mais completa exautoração que em público tem sido feita.

Um e outro complétam-se; entretanto é bom que o colega saiba que as *prendas* dos dois diférem algum tanto e de aí o termos de responder duas vezes por ousarmos desmascarar éssas repugnantissimas creaturas que nunca souberam ter escrupulos nem vergonha.

Não impéde, contudo, o equivoco, que nêstas colunas significuemos ao *Povo de Basto* o nosso mais profundo reconhecimento pela sua referencia, que tanto nos penhóra.

Distribuição do correio

Por instancias do digno presidente da Associação Comercial, sr. José Gonçalves Gamélas, e em virtude das reclamações constantes que nesse sentido lhe vinha fazendo o comércio da cidade, passou novamente a distribuir-se depois das 9 horas o correio que pouco antes chega do norte e fica retido até á distribuïção das 14, que foi suprimida.

Economias

—=((*))=—

Sobre o assunto que aqui temos debatido e ao qual vimos adicionando transcripções do *Contrôle popular* do *Seculo* referentes ás pensões que indevidamente estão recebendo as filhas do extinto major Teixeira de infanteria 24, esperâmos em bréve acrescentar curiosissimos pormenores pelos quais os nossos leitores ficarão a avaliar bem das convicções de cértos *democraticos* da ultima hora se é que ainda os não conhecem e déles não formaram o juizo que nós desde sempre vimos mantendo.

Entretanto o *Seculo*, continuando a fornecer-nos elementos para pôr em relêvo a escandalosa pensão que o Estado ainda paga ás senhoras de quem temos falado, apresenta novos alvitres que de cérta maneira dévem calar no espirito público, alvitres que nós aproveitâmos porque é necessário e urgente que se pônha um dique a tudo quanto represente injustiças ou gastos de dinheiro inutilmente, como no caso em questão.

Assim, diz ainda o *Seculo*, no seu numero do dia 7 do corrente:

Duas senhoras bem casadas recebem ainda pensões do Estado como se vivessem na miseria

Sr. redator.—Na secção *Contrôle popular* do *Seculo* de 25 p. p., faz um *assiduo leitor* várias considerações muito bem cabidas, se bem que ainda podésse dizer mais alguma coisa. Podia ter dito, por exemplo: que, emquanto a politica (dos futuros sogros déssas senhoras), tanto se esforçava por lhes garantir mais do que uma pequena pensão, mas sim o soldo de major (e não só 60$000 réis), na mesma ocasião, tendo morrido um outro oficial do mesmo regimento (infanteria 24) honradissimo e exemplar chefe duma numerosa familia, ésta teria morrido á fome se não fôsse uma mezada que um filho deste oficial lhe mandava do ultramar, com sacrificio!

E' de opinião o *assiduo leitor* que se tirasse a pensão ás duas casadas e que se conservasse a parte da solteira. Acha justo? Pois eu não acho. Para que serve então o Instituto Torre e Espada?

Se a todas as orfãs de oficiais se fôsse dar a béla pensão de 22$000 réis mensais, onde iria isto parar? Não haja pejo de tirar por completo ésta escandalosa pensão. Quando um oficial morre em campanha sacrificando a sua familia pela sua Patria, a pensão de sangue para ésta, que é justissima, ainda assim não vem por *portaria surda*.

Sr. ministro da guerra, aí tem v. ex.ª mais um major *vivo*; e as manas *bem casadas* que tratem da mana solteira, que não lhes ficará nada mal.—*Um miliciano.*

Quér o *miliciano* que tambem se tire á filha mais nova do major Teixeira a pensão que recébe. Quér mais do que nós, que não queremos tanto.

A's outras duas, casadas, sim; a éssas é que o Estado não déve manter, visto não precisarem de esmolas por terem quem as sustente e provenha ao luxo em que vinham acostumadas.

Se a época que atravessâmos é de economias, façam-se, mas a começar pelo alto, sem contemplações nem mais sacrificios para os pobres. Ha muito que cortar se porventura o govêrno a isso estivér dispôsto. Não são os contribuintes que hão-de pagar tudo. Os pensionistas, como as filhas do major Teixeira, é que teem de ser os primeiros para quem o govêrno déve olhar, levantando-lhes a mezáda a que legalmente não tenham direito.

Concêrto musical

Excedeu a espectativa de muitos o espectaculo de sábado ultimo no nosso teatro em qué pela vez primeira se exibiu perante numeroso público a orquestra do *Club dos Galitos*, habilmente regida pelo sr. Antonio Alves, mestre da banda de infanteria 24.

A plateia aplaudiu todos os numeros de musica executados assim como a parte de canto pelos nossos amigos Aurélio Costa e Alvaro Lé, que, não ha duvida, se houvéram tambem por fórma a não desmanchar o conjunto do espectaculo. Este terminou com a execução dos hinos do *Club* e nacional, que fôram ouvidos de pé, saindo do teatro toda a gente o melhor possivel impressionada com a nova iniciativa do *Club dos Galitos* ao qual patenteâmos da mesma sorte os louvores que bem meréce dos aveirenses.

* * *

Consta-nos que brévemente haverá um segundo concêrto com o concurso de novos elementos para preencher a parte cénica, vindo expressamente do Porto para esse fim a nossa gentil patricia Augusta Freire, que tão fartos aplausos conquistou no nosso teatro a quando das zarzuélas representadas pelo grupo *Tricanas e Galitos.*

A confirmar-se esta noticia, é caso para darmos os parabens aos promotôres do espectaculo pela lembrança que tivéram, tão felíz como apropriada.

NOTAS DA CARTEIRA

Estivéram nésta cidade e visitaram-nos, os nossos amigos srs. Manuel Dias dos Santos, do Passo; José Martins Alberto, de Nariz e João Simões de Pinho, de Cacia.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

MARÇO

DIAS	PHARMACIAS
16	ALLA
23	BRITO
30	REIS

Necrologia

Só agora soubémos ter falecido no Funchal a sr.ª D. Georgina Ferreira Pinto Basto Soares, estremosa esposa do sr. Feliciano José Soares e filha do sr. Henrique Ferreira Pinto Basto, a quem acompanhâmos assim como á restante familia da inditosa senhora, na dôr que a compunge.

= Tambem faleceu no Porto o engenheiro sr. João Carlos Machado, conhecido aveirense.

Pêsames aos seus.

O DEMOCRATA

Vende-se agora no **Kiosque Pereira,** junto ao mercado do Côjo.

CORRESPONDENCIAS

Anadia, 9

Acaba de se dar nêste concelho, no sitio denominado as Lezirias, um caso irritante e provocador em uma procissão, chamada do *encontro.*

A esta procissão costuma afluir muita rapaziada, por divertimento e passeio, e, para este unico fim, muitos fôram os rapazes désta vila que a éla concorreram hoje.

Desfilava a procissão quando passava o nosso amigo Franklin Duarte, com os seus companheiros, que não tirou o chapéu. Em um instante vê-se, porém, rodeado de uma multidão que o quer obrigar a descobrir-se, sendo principalmente intimado para isto pelo regedor da freguezia e cabos armados que faziam a *guarda de honra* da festa religiosa!

A' vóz de prisão que lhe foi dada por aquélas *autoridades* e a outras imposições e ataques á liberdade de consciencia, o cidadão muito bem respondeu com umas bofetadas, armando-se rapidamente grande desordem. Os cabos apontavam com as espingardas ao sr. Franklin e companheiros, ameaçando descarregar, e outros religiosos e liberais trocavam rija pancadaria e pedrada, resultando alguns ferimentos.

E aqui está o resultado daquélas *autoridades* se terem incorporado em um cortejo em que sómente como pessoas ali eram cabidas, e de atacarem a liberdade de consciencia de cada um, em vez de a defender.

O sr. administrador do concelho deverá tomar conta do caso para averiguações e é possivel que muitas responsabilidades se apurem, pois bem póde ser que debaixo do *palio algum Cristo désse suas ordens.*

Esperêmos.

= Na passada quinta-feira esteve nésta vila o capitão Colen Godinho, a fim de dar instruções a todos os professores sobre o serviço militar preparatorio.

Terminado este serviço, os professores ocuparam-se em tratar de defender os seus interesses materiaes e moraes, resolvendo para isso protestar energicamente contra as determinações de entregar ás juntas e câmaras a direcção da instrução primaria.

Para isto foi nomeada uma comissão de 6 professores que farão circular pelo professorado do país vários alvitres, sendo tambem escolhido o professor José Cordeiro para, em ocasião oportuna, ir a Lisboa representar o professorado do concelho, caso nos outros haja identico protesto, levando amplos podêres para bem representar a vontade dos seus colégas e reclamar as regalias tantas vezes oferecidas na oposição á classe, as quaes, longe de serem cedidas como é justo, são, pelo contrario, regateadas, pondo-se o professorado em condições devéras humilhantes.

= Por todo o concelho houve grande entusiasmo pela festa da Arvore.

Em algumas freguezias oomo Vila Nova, Moita e outras, houve lindo cortejo de creanças e várias outras pessoas, belas alocuções e exposições sobre o alcance de tão bela festa. Oxalá que o govêrno a mande fazer anualmente afim de que o povo tenha por éla grande estima e se vá esquecendo de outras que sómente servem para o embrutecer.

C.

Pará, 20 de Fevereiro

Apareceu aqui á venda o livro *Banditismo Politico* do célebre pulha de Aveiro e tambem o pasquim do desmioiado Homem Cristo, que não tivéram venda quasi nenhuma, visto a *talassaria* ter diminuido.

= Cauzou bôa impressão a noticía do novo gabinête português, organizado pelo sr. Afonso Costa, por ser considerado um dos homens de energia de quem a nação mais confia no futuro.

A maioria da colonia portuguêsa ficou satisfeita.

Apenas o jornal *A Palavra*, que aqui se publica, é que tem atacado, o sr. Afonso Costa, mas como o jornal é reaccionário...

= Partiu ha pouco com destino á terra da sua naturalidade, Cacia, em procura de melhoras, o sr. Manuel Maria de Oliveira.

Embarcaram tambem com destino a Portugal, os srs. Adelino Gil e Joaquim Pinto Ramos, socios do *Centro Republicano Português.*

= Realizou-se no dia 31 de janeiro ultimo a eleição para a nova Diretoría do *Gremio Literario Português*, tendo dado o seguinte resultado:

Assembleia Geral

Presidente, Henrique E. Nunes dos Santos; *1.º secretario*, Alvaro Fernandes Lisboa; *2.º secretario*, Manuel Pinho C. Nogueira.

Directoría

Presidente, Manuel Rodrigues Pereira; *vice-presidente*, Artur Ricardo Romariz; *1.º secretario*, Antonio H. S. Martins; *2.º secretario*, Antonio Manuel Alves; *tezoureiro*, Aloizio Guilherme M. Costa; *vogaes*, Humberto Gomes Soeiro, José Rufino, José Antonio Gonçalves, Luís Clemente Monteiro, Luís de Oliveira C. Baldaia e Manuel José Alves.

Comissão de exame de contas

Eduardo A. Fernandes, José Rodrigues Pacheco e Manuel Roma de Lemos Puga.

O relatorio apresentado pelo sr. dr. Emilio Corrêa do Amaral, acuza ter despendido na sua gerencia, em melhoramentos no predio, mais de 6 contos de reis, e resgatados 151 titulos de emprestimo no valor de 7.550$000 reis, deixando ainda um saldo em dinheiro de 8.175$000 reis.

Não precisâmos de enaltecer as bôas qualidades administrativas do sr. dr. Emilio Corrêa do Amaral, pois no curto espaço de tempo que administrou a *Beneficente Portuguêsa*, a *Liga Portuguêsa de Repatriação* e o *Gremio Literario Português*, em todas éssas associações deu provas mais que suficientes da sua bôa administração, pelo que tem sido muito elogiado.

E', sem duvida alguma, um dos portuguêses que mais têm trabalhado em prol da colonia a que pertence.

= Têm continuado a ir inscrever-se no consulado português alguns membros da colonia podendo ser ainda muito maior o numero dos inscritos, se não fôsse o terem de pagar 9$200 reis.

Contra a lei que a semelhante pagamento obriga, continuâmos nós a protestar enquanto não fôr abolida pelo govêrno da Republica Portuguêsa. Isto não é lei de proteção, mas sim lei de extorção e por isso insistimos em pedir providencias urgentes que acabem com este estado de coisas.

= Grande numero de portuguêses tem recorrido á *Liga de Repatriação* a solicitar passagens para o seu país tendo obtido passagens gratis nada menos de 27 pessoas doentes e sem recursos, desde janeiro até esta data.

= O Carnaval este ano foi pouco animado de mascaras e carros alegoricos, devido á crise que atúa sobre ésta cidade.

= A Comissão da Subscrição Patriotica Portuguêsa, tendo liquidado as suas contas e tendo-lhe sobrado algum dinheiro, das mil libras que enviou para

A ARVORE

—=(*)=—

A arvore! quem é, de vós, que a não conhéce?
Na estrada do porvir, se o animo faléce,

Quem não sentiu alivio ao encostar o busto
ao tronco do gigante, ao debil, tenro arbusto?

Pela encosta escalvada ao frio vento agreste,
batida pelo mar, batida do nordéste,

queimada pelo sol, queimada pela néve,
no principio aonde o homem não se atreve,

'stendendo para ti os ramos a vergar,
impavida e clemente a arvore has-de achar

no gesto protector de alguma irmã mais velha
a quem beijais a mão, aos pés de quem se ajoelha.

Se o vento sibilar e a chuva vos fustiga,
a arvore a gemer do vento vos abriga;

se o inverno é rigoroso e o frio te entorpéce
é a arvore ainda que os membros vos aquéce;

e se, sem folhas já, sem sombra e sem belêsa,
em tua casa nua ha fome e ha tristêsa

os labios te abrirá na contracção fagueira
dum riso, ao crepitar-lhe o tronco na lareira.

Se o sol abrazador teu corpo verga e cança
é inda junto déla, á sua sombra mansa,

que vais refrigerar teu corpo exausto e debil,
emquanto te acalenta o canto dôce e flebil,

o canto divinal da musica dos ninhos
que pela ramaria entoam passarinhos.

Augusto monumento erguido p'la natura
entre a terra e o céu, a préce é bem mais pura

se lá fizer subir seus tristes alaridos
pelos braços que ao céu a arvor' tem erguidos.

Imagem do Dever e da resignação
a planta onde talvês palpita um coração,

que a queime ao sol d'Agosto o céu esbrazeado,
que a abata o lenhador a golpes de machado,

das f'ridas pelo flanco, a arvore a chorar
sem mal-dizer o algoz aos pés lhe vem tombar.

A arvor' respeitai, ó meigas creancinhas;
ao seu florir perpétuo inda não adivinhas

esse misterio ingente, esse volver á b'lêza
que sem sessar remoça a vélha naturêsa;

e se virdes por terra, exangue, um tenro arbusto
não o deixeis de erguer no braço já robusto;

curai-lhe a cicatriz, colai-o contra o seio,
cravai-o bem no chão, dai-lhe um seguro esteio

por que, quem sabe lá, se a planta sequiosa
já deu sombra tambem na arvore frondosa

a cuja sombra amiga, em louco devaneio,
a vossa mãe vos deu o mórno e brando seio.

Porto, Março 1913

Humberto Beça

o aeroplano, fez entrega á *Liga Portuguêsa* da quantia de 232$000 reis, acto este que muito honra a digna Comissão, a qual, como já dissémos ha tempo, tinha feito entrega de 55$000 reis, o que prefaz o total de 387$000 reis.

A subscrição para o aeroplano rendeu ao todo 18:446$000 reis.

= O movimento do Hospital D. Luís I *(Beneficente Portuguêsa)* durante o ano de 1912, foi o seguinte:

Doentes que passaram de 1911	70
« entrados em 1912	1859
Total	1.929
Saíram curados	1.785
Faleceram	66
Passaram para 1913	78

Os doentes pertencíam ás seguintes nacionalidades:

Portuguêsa	1.429
Brazileira	284
Espanhola	40
Italiana	9
Siria	9
Marroquina	4
Alemã	3
Ingleza	3

Dos falecidos, 51 eram portuguêses.

= Está causando certo descontentamento, a permanencia do sr. Oliveira como secretario do consulado português, pois é sabido por todos que o dito secretario não oculta as suas ideias *talassicas* continuando portanto a blasfemar da nossa Republica e tendo já ha tempo por efeito de uma discussão agredido o sr. José Bastos, conhecido republicano.

Já é tempo do sr. José Soares, mui digno consul português nêste Estado, dar as devidas providencias, pois não se póde tolerar que a Republica Portuguêsa esteja sendo servida por quem a odeia.

Lastimâmos que os republicanos implantassem a Republica para goso dos monarquicos.

= Tomou posse de governador dêste Estado, no dia 1 do corrente, o sr. dr. Enêas Martins.

C.

Oliveira de Azemeis, Loureiro, 5

O *Radical* dêste concelho, no seu ultimo n.º refere-se á correspondencia désta localidade insérta no *Democrata* da semana finda, mas fal-o em termos tais que melhor seria poupar a prosa para não dar o triste espectaculo de o compararem ao famigerado pulha de Aveiro.

Se o cidadão que nos respondeu fôsse educado, de cérto não se meteria a escrever o que escreveu tanto mais sabendo a razão que nos assiste, como o prova a carta do sr. Agnélo e ainda o facto de o não termos alvejado, embora se apressasse a enterrar a carapuça.

Naturalmente o *Radical* ou quem nêle escreve, quiz fazer vêr que tem nésta freguezia grande numero de amigos que lhe dão apoio. Póde socegar que nós não lhe ambicionâmos a sorte.

Confiados no alto critério do atual govêrno e naquêle dialogo que o articulista do *Radical* teve com os tais amigos de cá, em dia de Pascoa—lembra-se?—e noutras coisas mais, quasi lhe podêmos garantir que as suas relações no burgo estão cada vez mais reduzidas se não de todo extintas, como em bréve se verá.

= No jornal em questão veio dizer-se tambem que o professor oficial désta freguezia tinha aqui prestado grandes serviços.

Seria bom publicar uma nota circunstanciada dêles e chamar á responsabilidade todo êsse povo que se tem queixado das faltas cometidas.

Era justo, para se saber de que lado está a razão.

Que grande parodia!...

S. F.

Aradas, 12

Foi eleita no domingo passado a direcção provisória do *Centro Republicano de Educação e Recreio do Outeirinho*, que ficou composta dos srs. Antonio da Rocha Martins, Abilio Souto Ratola, Amandio Ribeiro da Rocha, Jorge da Silva e Manuel Gonçalves de Oliveira.

Em harmonia com a Lei Organica do Partido Republicano Português e tendo a Comissão politica paroquial terminado o seu mandato, os republicanos de Aradas, reunidos na séde do *Centro*, elegeram nova Comissão de que fazem parte os cidadãos Antonio T. Lebre, Alberto João Rosa, Joaquim Dias Batista, Manuel Ferreira Borralho e Casimiro dos Santos Madail.

No final da sessão o cidadão Antonio Lebre, comunicou á Assembleia que o deputado sr. Alberto Souto lhe havia participado ter sido finalmente creado o logar de distribuidor postal nésta freguezia, que era uma das suas mais antigas aspirações.

Nésta conformidade foi resolvido enviar-lhe o seguinte telegrama:

Ex.mo sr. Alberto Souto
Câmara Deputados—Lisboa
Os centros de Aradas, Outeirinho, Comissões Politica e Administrativa désta freguezia, reunidas em sessão conjunta, cumprimentam V. Ex.ª e agradecem creação logar distribuidor.

Convite

Convidam-se todos os socios da *Cultual Paz e Progresso*, de Aradas, a reunirem no proximo domingo, pelas 15 horas, na egreja do Outeirinho.

O presidente da Cultual

C.

Castro Verde, 12

Celebrou-se com grande lusimento, no domingo passado, a *Festa da Arvore* nésta vila promovida por diversas comissões. No acto encorporaram-se as creanças das duas escolas, a banda dos Bombeiros Beja e um lindo carro alegórico que levava duas gentis creanças e as ferramentas para a plantação das arvores, percorrendo as principais ruas da vila, e plantando algumas na Praça da Republica sendo ali distribuido um bôdo a 125 pobres. O cortejo seguiu depois para o largo da Egreja aonde tambem fôram plantadas algumas arvores. Depois realisou-se na sala da escola do sexo masculino, que estava lindamente ornamentada com verdura, flôres e ricas colgaduras, uma sessão soléne em que usaram da palavra os srs. Inspector de instrução primária, que fez uma bonita alocução e Joaquim Romão Julio, um dos promotores da festa, que muito agradou, recitando algumas creanças no final mimosas poesias terminando por um *lunch* a estas. Na vespera da festa, foi distribuido ás creanças pobres fatos pela Beneficencia Escolar e alguns vestidos pelas damas da terra. E' bom que éstas festas se repitam por toda a parte para que os povos vejam que são mais encantadoras do que as religiosas.

= Tem-se sentido bastante por estes sitios a falta da chuva que está causando muito prejuizo para os trigos.